A pressa e a saída

Luis Izcovich

Se o inconsciente não conhece o tempo, pode-se deduzir que a orientação de uma análise não pode se limitar ao inconsciente. Lacan formula isso explicitamente em 1972, no texto em que resume seu seminário: "...ou pior". No mencionado texto, depois de evocar a descoberta do inconsciente por Freud, da qual Lacan retoma a essência, ser estruturado como uma linguagem, ele indica um patamar superior, outra zona, pois a ênfase não é colocada na descoberta, senão no que Lacan chama a criação do dispositivo analítico, e continua: "onde o real toca no real"[1]. Acrescenta ser isto o que ele articula como discurso analítico.

[1] Lacan. *Le séminaire, livre 19: ...ou pire* (1971-12), inédito.

Portanto, a perspectiva da análise não está dada somente em como o simbólico permite cernir o real próprio ao sujeito, mas em considerar na prática analítica o modo em que o par analisante-analista está tomado pelo real. Que "o real toque no real" indica a possibilidade de um efeito analítico não se limitar à revelação do significante reprimido, mas que o real do analisante seja suscetível de modificação, sem passar pelo simbólico.

Essa proposição de Lacan põe em evidencia que, para ele, a terapia analítica está ligada ao inconsciente; essencialmente, ao real do sintoma, determinante para o uso do tempo na terapia.

Poder-se-ia, com efeito, aplicar, em relação ao tempo, o tripé, lançado por Lacan em "A direção do tratamento"[2]; trata-se de uma questão de tática, de estratégia e de política. Tomemos como exemplo o debate sobre a duração da sessão, já que me parece indispensável situá-lo em função dessas coordenadas. Há um nível puramente tático, no qual o analista é livre e, como no caso de toda intervenção, o analista é também livre para eleger o momento do fim da sessão. Tal posição constitui uma objeção que faz da sessão de duração variável ou das sessões curtas uma regra técnica, já que, na tática, o analista é o único amo a bordo.

[2] Lacan. "A direção do tratamento e os princípios de seu poder" (1958/1998, p. 596).

Se o analista é menos livre quanto à estratégia do tempo na terapia, é porque o tempo na análise é relativo à lógica que impõe a estrutura clínica, variável caso a caso, mas com pontos constantes, segundo as estruturas. Pois bem, venhamos ao que Lacan

chamou a política da psicanálise, em que o analista é menos livre, por sua política estar ligada à sua falta-a-ser[3]. Poder-se-ia homologar essa falta-a-ser à falta de inscrição do tempo no inconsciente. A ausência de ambos, e, contudo, em posição de existir (existir por fora), situa-os no lugar de um real que guia a experiência. O tempo, como a falta-a-ser do analista, condiciona a política da terapia.

[3] *Ibid*, p. 596.

E poder-se-ia postular a sessão curta desde a perspectiva política como a que corresponde à orientação do real do sintoma, e o tempo da terapia, o que corresponde ao fazer-se o sinthoma.

Repito para acabar com mal-entendidos. Não se trata de situar uma preeminência da sessão curta na técnica analítica. Qualquer postulado técnico, em relação ao tempo, implica numa prescrição e o transforma em padrão. Assim, pode haver um padrão da sessão curta e também um padrão da duração variável. Trata-se de considerar que, logicamente, a finalidade da sessão curta corresponde à formulação de Lacan da criação de um dispositivo, em que "o real toque no real". Esta perspectiva é relativizada quando se concebe a sessão analítica como uma seqüência unitária, pontuada pela emergência do inconsciente e com o objetivo de fazer emergir o sentido ou a palavra plena.

Na realidade, além de o que diz o inconsciente, aponta-se ao dizer do inconsciente, ao indizível que, contudo, determina o conjunto das associações. Não corresponde a uma técnica ativa, nem a uma sacralização da escuta. Parece-me que a idéia de um analista sobre o tempo da sessão corresponde à idéia que faz do inconsciente. E independentemente de seu uso, a sessão de duração breve é solidária da opção lacaniana quanto ao inconsciente como real e aponta ao uso das elucubrações que provém do inconsciente. Isso se traduz em um efeito analítico maior: o analista será mais suscetível de ser o tempo, de encarná-lo para cada analisante, ao invés de pensá-lo.

Tomemos a questão da perspectiva da transferência. No decorrer da análise, ela não está limitada ao tempo do encontro com o analista, e o inconsciente, trabalhador infatigável, não se limita a trabalhar na sessão. Ao contrário, o inconsciente, trabalhador ideal, não descansa nunca e manifesta-se quando menos se espera. Por isso, é necessário um tempo para se implantar a lógica simbólica, que corresponde aos diferentes mitos escandidos pelo

inconsciente e que têm conduzido ao impasse sexual do sujeito.

Mas por que supor, então, que a sessão deve ser ritmada pela emergência do inconsciente? Ao contrário, pode-se considerar a sessão como o momento no qual o analisante conclui uma seqüência de elaboração. Cada sessão, mais que um impulso à associação, poder-se-ia considerar como uma preparação ao encontro com o real do fim da análise.

Ora, por que Lacan, quando se refere ao "real que toca o real" refere-se ao discurso analítico? Pode-se perceber que o discurso analítico tem uma estrutura semelhante à da angústia. É suficiente referir-se à linha superior de dito discurso, que vai de (a) a $, que indica que o analista está no lugar da causa do desejo para o sujeito, que é igualmente lugar da angústia.

E é esta perspectiva que Lacan privilegia em relação ao tempo, já em *O seminário, livro 10: A angústia*, quando se põe em evidencia a função da angústia em introduzir o sujeito na dimensão do tempo. Lacan evoca uma relação temporal de antecedência em relação ao desejo e considera a dimensão temporal da angústia como a dimensão temporal da análise. Com efeito, a angústia prepara o encontro com o desejo. E não é surpreendente Lacan haver utilizado a mesma fórmula, "uso da angústia", "como uso do tempo". Um é solidário ao outro[4].

Situar o tempo da análise na angústia é uma perspectiva que Freud havia assinalado, fazendo da angústia um ponto nodal na representação do tempo. A angústia, cuja omissão é central na constituição do trauma, constitui uma mediação frente à urgência pulsional ou frente ao desejo do Outro. Nesse sentido, frente à abstração do tempo da consciência, Freud privilegia o tempo da angústia, que se opõe ao tempo do sintoma. A angústia introduz uma descontinuidade onde o sintoma assegura uma permanência. O sintoma freia o tempo, já que sua temporalidade está determinada por sua constituição, que é a de um tempo que parou.

Isso a clínica analítica põe em evidencia. À falta de certeza do inconsciente, o sujeito supre com o fantasma e é, em sua vacilação, que emerge outra temporalidade propiciada pela angústia. Na verdade, em todo sujeito, à entrada da análise - e independentemente da estrutura clínica - põe-se de manifesto, de uma maneira ou de outra, a idéia de um atraso, próprio do sintoma, e a transição para a outra temporalidade dada pela angústia.

[4] Lacan. O Seminário, livro 10: A angústia (1963/2005).

Essa temporalidade inclui o tempo marcado pelas pulsações do inconsciente, ou seja, suas formações e a repetição, permite situar além: é o que Lacan articulou com a função da pressa.

A pressa não é nem a rapidez resolutiva, nem a urgência, nem a precipitação. Comecemos com a rapidez resolutiva. Desde Freud, existe a idéia de que um tempo é necessário, a fim de evitar a satisfação imediata e seus riscos, os quais estão vinculados ao escamoteamento da pergunta: quem se satisfaz? Por isso se preconizou não tomar grandes decisões antes do fim da análise, porque a satisfação do supereu, do eu, ou do inconsciente, não são equivalentes para a psicanálise. Ora, quem se atreveria, hoje, a sugerir a um analisante que se abstenha de tomar decisões antes do final da terapia? A duração da análise, em nossa atualidade, faz objeção a esse princípio de abstinência. Por outro lado, Freud advertiu dos riscos da solução terapêutica que intervém demasiadamente rápido. A questão é: não se pode comprimir o tempo para compreender.

Os efeitos terapêuticos intervindo prematuramente podem ser um obstáculo ao prosseguimento da análise e a uma resolução mais consciente.

A antecipação resolutiva do sintoma não implica o consentimento à satisfação. Daí Lacan evocar, em relação à psicose, o termo 'solução prematura', que se pode generalizar. A solução prematura é aquela na qual o sintoma, embora reduzido, não logra elevar-se à categoria de nome do gozo do sujeito.Tomemos a questão da urgência. Lacan se refere a ela freqüentemente, em relação à entrada em análise. Existe, com efeito, uma urgência em procurar o *partenaire* que responda ao sintoma do sujeito. E isto se confirma no momento da demanda analítica. Pode ser um sintoma de muito tempo atrás. É necessário converter-se em um sinal para o sujeito, para ele solicitar uma ajuda imediatamente.

Quanto à precipitação, trata-se de uma aceleração do tempo que descuida das coordenadas simbólicas e, por isso, sua melhor ilustração é a transição para o ato. O sujeito conclui saltando o tempo para compreender. E Lacan faz da transição ao ato melancólico o paradigma dessa equivalência, na qual o sujeito se faz objeto. Daí a necessidade de introduzir um semblante de tempo, quando isso é possível para a psicose. E se a solução espontânea de Schreber se revela eficaz, é na medida em que se resolve um

impasse subjetivo, ligado a uma solução prematura. Em tal caso, não se trata de fazer amadurecer um fantasma, mas de introduzir uma solução *assintótica*, outra opção do sujeito em relação ao tempo, que o extrai da precipitação, pois implica o encontro num futuro indefinido, que não deve se tornar realidade. Assinala-se aqui outra forma de pular o tempo para compreender: quando se colapsa o instante de ver e o momento de concluir. Trata-se do caso da experiência traumática que não se cristaliza em sintoma analítico. O Homem dos lobos[5] exemplifica o que Lacan chamou de anulação do tempo para compreender. O resultado é constatável: toda uma vida dedicada a um eterno começar, para explicar à comunidade analítica o incurável na terapia. O sujeito está fixado em um gozo traumático, que exclui a inclusão do tempo e o conduz, dessa forma, a um duelo impossível. Se o uso do tempo na clínica da psicose implica um saber com o semblante do tempo, a resposta analítica difere quanto ao uso do tempo no caso da neurose. O tempo que passa, digamos espontaneamente, não favorece nada, e, frente à divisão subjetiva, a resposta analítica difere da resposta psicoterapêutica. "Dê-se um tempo de reflexão" é o modo de dar um tempo na psicoterapia. E a fórmula corrente "o tempo cura todas as feridas" convém a muitas circunstâncias da vida, salvo à neurose. E, só hoje, aparece como anacrônica a fórmula de Freud, que uma mulher depois dos 30 anos é inanalisável, o vigente é que a neurose, sem análise, agrava-se com o tempo.

[5] Freud. "História de uma neurose infantil", (1918[1914]/1976).

A análise introduz o tempo de outro modo que o de dar-se o tempo de refletir. Isso justifica a referência à pressa, que tem uma especificidade em sua conexão com o simbólico, ao qual, contudo, transcende, ou seja, se o simbólico é condição da pressa, não é o que a causa. A causa da pressa é *a*, o qual nos remete, num momento, à angústia e ao discurso analítico.

E se eu utilizo a distinção entre pressa e urgência, faço-o para indicar que o que possibilita a lógica da pressa é que o analista possa dar o tempo que faz falta. Pois há um tempo necessário na terapia, o qual está indicado, desde Freud, no texto sobre "A questão da análise leiga" e a formidável definição ali lançada da análise como "magia lenta"[6].

[6] Freud. "A questão da análise leiga", (1926/1976, p. 214).

A magia, por definição, serve-se do semblante da surpresa, e a temporalidade é a do instante. Por isso o público pede que lhe

repitam o número, mas, dessa vez, mais lentamente, para poder compreender o ponto de ruptura na ilusão.

E notem bem: Lacan refere-se a essa oposição, quando evoca a distinção entre os semblantes da magia e os semblantes do discurso analítico. A análise exige tempo para compreender a cena que escapou, à qual o inconsciente respondeu produzindo uma confusão. Um tempo é necessário à implantação da cadeia inconsciente, mas fundamentalmente o tempo que faz falta é aquele que introduz o sujeito na função da pressa própria, à causa de seu desejo.

Isso justifica falarmos da análise como uma pressa lenta, em que o analisante se faz a seu ser, não é somente se habituar a ser o que é, mas sim produzir uma mudança no ser. Pois o real que incide no real do sujeito (retomo aqui a fórmula "o real toca no real") tem como pretensão introduzir um novo real.

O inconsciente não é somente uma operação de revelação do que já está, de trazer à luz os enigmas ocultos dos sujeitos. Além de decifrar o que o inconsciente cifrou, a operação analítica trata de escrever o que não cessa de não se escrever.

Logicamente, a questão do tempo na direção da terapia se articula com o objeto *a*, causa de desejo e de angústia que ambiciona o encontro com um novo real. Tomemos a perspectiva do desejo. Em sua essência é metonímico, metonímia da falta-a-ser. Assinale-se que Lacan distingue o desejo inconsciente de um desejo centrado no narcisismo, que pode ser o efeito de uma análise, como resposta ao efêmero da vida.

Nesse sentido, há um tempo necessário na análise para produzir um desejo, efeito de uma enunciação singular, e deve se distinguir de um desejo fundado no narcisismo. A temporalidade do *après-coup* é essencial, já que, como efeito da elaboração, une a experiência passada e a conecta à experiência que está por vir. O desejo forja um vetor de direção ali onde o sem sentido reduz o sujeito a ser um perdido no tempo. Quanto mais o sujeito tem acesso a uma posição desejante, mais se distancia de um relação ao tempo concebido como a soma de instantes. E como o inconsciente é evasivo, trata-se de captar a metonímia do desejo. Cernir o desejo é captá-lo à letra.

Por meio do desejo, o sujeito entra no tempo e concomitantemente deixa de pensar. É o que se traduz na fórmula corrente,

quando um sujeito está num modo sintonizado com seu desejo, "não vejo passar o tempo". Estar no tempo e pensar o tempo se opõem como ser e pensar.

Pois bem, cabe perguntar qual é a interpretação analítica que propicia esse movimento. Na progressão do ensino de Lacan, percebe-se o esmiuçamento da interpretação e a produção do ato é apontada como horizonte. A questão que se depreende não é unicamente a de como assinalar o grau máximo de simbolização, mas, sim, a hiância entre o simbólico e o real. Então se deduz que, se a última perspectiva de Lacan é definir o inconsciente como um modo de gozar do sintoma, a operação analítica não tem por finalidade última interpretar o reprimido, mas sim modificar o programa de gozo do sujeito.

Isso impõe uma revisão do tempo na análise. É certo uma análise durar o tempo que é necessário a um sujeito para se apropriar do objeto *a*, que previamente havia colocado do lado do analista, e este o encarna para o sujeito. E interpretar o reprimido é já introduzir o sujeito na atualidade do tempo, já que o reprimido e seu caráter inalterável, ao longo do tempo e nas contingências que o acompanham, submerge no sujeito num tempo sempre passado. Poder despojar a vivacidade atual da representação é, para Freud, um objetivo terapêutico central. Se o neurótico está fora de tempo, é porque está regulado pelo tempo do fantasma, cujo axioma resiste à usura e coloca o sujeito na hora do Outro, com o efeito de uma estereotipia atemporal. Já Freud indica com precisão que as representações reprimidas se comportam, depois de décadas, com a vivacidade do início. Não há melhor ilustração que a da reminiscência histérica: os anos têm passado, os encantos se desvanecem, mas ela segue sonhando com o príncipe azul, como quando era menina. Nesse sentido, a orientação do real e o desejo do analista, que é de despertar, introduzem uma mudança na relação com o tempo. Todavia, a análise não se limita ao tempo da produção de um desejo, mas implica integrar o tempo do circuito pulsional e a modificação do gozo inconsciente.

A efetuação do circuito pulsional até sua última volta exige tempo. É o tempo não somente do percurso da pulsão entre sujeito e seu objeto sexual, mas um tempo para ser consumido. É um termo de Lacan para o analista. Esta dimensão do analista, como objeto presente a ser consumido, durante toda a terapia,

adquire um valor específico, depois da queda do sujeito suposto saber. É o tempo de um luto dentro da análise. Esclareço que esse tempo de luto, interno à análise, é fundamental quanto à experiência que um analisante pode fazer do que advém ao analista no final, e ao qual Lacan deu o nome de "*desser*". Nessa zona se conjuga a verdadeira saída da análise lacaniana e, como toda elaboração de um luto, pode se traduzir à ocasião numa impossibilidade de concluir.

Essa zona que se abre na análise, depois da queda do sujeito suposto saber, condiciona o desejo do analista. Já que não é o mesmo o "desser" do analista, como efeito da queda da suposição de saber, e como efeito da elaboração de um luto. Ora, existem saídas da análise fulgurantes, mas não é a fulgurância que nos indica a precisão da saída. A zona final da análise corresponde à lógica que preside ao conjunto: magia lenta e instantaneidade do ato, que correspondem a uma pressa na saída, como efeito da elaboração do luto, sem o qual a saída pode confundir-se com o ilusionismo da magia.

Dito de outro modo, exponho um benefício epistêmico na duração dessa zona final, que oponho à saída fulgurante pelo encontro com a inconsciência do Outro.

Retomo a questão da pressa, presente em cada sessão e que, todavia, não pode dissociar-se da temporalidade lenta, exigida pela análise. A pressa é um estímulo que nunca se pôde dizer, até encontrar o limite do dizível, parede atrás da qual se aloja o dizer próprio do sujeito, sua singularidade íntima, o suporte do conjunto dos ditos.

A pressa está articulada ao ato do analista, mas em conexão com o ato do sujeito, já que existe uma pressa conectada à ilusão da qual, como disse Lacan, a pressa pode ser cúmplice. O risco é confundir a pressa inerente ao ato com a pressa em sua versão imaginária. Esta última é a pressa dissociada do ato. E Lacan delimita a função exata da pressa: produzir o momento de concluir. Lacan nos adverte do uso imaginário, fazendo referência a uma pressa que se conclui em saída arbitrária, dando lugar, neste caso, a uma pressa cujo resultado é a errância. O exemplo maior é a revolução. Impõe-se, portanto, distinguir diferentes formas de pressa e, destarte, é legítimo afirmar que existem variedades da pressa na saída da análise. Obviamente, deixo de fora tudo o que

implicam as soluções prematuras ou as saídas que dependem de uma precipitação.

Das saídas pela pressa, cabe distinguir aquela na qual o sujeito se apóia na dedução do inconsciente. É a saída pelo saber de um deciframento. Por outro lado, e bem diferente, é a saída que depende da relação do sujeito com um dizer singular. Finalmente, sustento que o fulgurante na saída não é a queda do SsS - isso não é equivalente à saída – e sim o término do luto do objeto. E isso pode ser uma saída fulgurante, ou não. A pressa não imaginária, na saída, depende da efetuação desta volta a mais de uma análise e que não se faz sem tempo.

Tradução: Luciana Vasconcelos Abreu Lima
Revisão: Andréa Brunetto

referências bibliográficas

FREUD, Sigmund. (1926) "A questão da análise leiga". *In.: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Editora Imago, 1976. Vol XX.

FREUD, Sigmund. (1918[1914]) "História de uma neurose infantil". *In.: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro: Editora Imago, 1976, Vol XVII.

LACAN, Jacques. (1963-64) O Seminário, livro 10: A angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN. Jacques. (1971-12) *Le séminaire, livre 19: ...ou pire.* Inédito.

LACAN. Jacques. (1958) "A direção do tratamento e os princípios de seu poder". In: *Escritos.* Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

resumo

A partir da afirmação de Lacan que o dispositivo analítico articula «onde o real toca o real», este artigo relaciona o manejo do tempo da sessão e o final do tratamento à idéia que o analista faz do inconsciente.

palavras-chave

real, sessões curtas, angústia, desejo

abstract

Based on Lacan's assertion that the analytical mechanism articulates "where real touches the real", this article establishes relations between the session time management/the end of the treatment and the idea that the psychoanalyst has about the unconscious.

key words

real, short sessions, anguish, desire.

recebido

28/07/2008

aprovado

02/09/2008